

Significação e importância do discurso simbólico na criança

JEAN-MARIE DOLLE *

«Mas, desde os trabalhos de Freud, é difícil considerar os sentimentos, sobretudo os sentimentos para com outrem, sem deixar de atender ao seu carácter ambivalente.»

BRUNO BETTELHEIM, *The Empty Fortress*

Tudo pode ser dito, verosimilmente, acerca do discurso simbólico na criança; quer se trate do gesto, da mímica, da narrativa, do sonho, do jogo — que contém em si uma boa dose de devaneio —, do desenho, ou de qualquer outra forma de expressão reveladora do seu pensamento, dos seus sentimentos, de todo o seu ser. Desejaríamos todavia percorrer a eflorescência da polissemia da linguagem simbólica da criança, não apenas para tentar encontrar aquilo que lhe confere o seu sentido primeiro, mas igualmente para tentar captar a sua estrutura e o seu funcionamento. O que propomos, então, retoma o próprio tema que nos reúne aqui. É essa a razão por que desejaríamos limitar o nosso contributo à análise do jogo do carrinho de linhas e da fobia do pequeno Hans.

Todos conhecemos o jogo da criança que atirava para fora do berço um carrinho de linhas preso a um fio que a seguir voltava a puxar até si. Freud (1920) conta-nos que a criança «saudava o regresso do carrinho com um alegre *da* (cá está ele!)». O bebé adquiriu, aliás, o hábito de atirar para longe todos os

objectos ou brinquedos em seu poder, pronunciando «com um ar de interesse e satisfação o som prolongado *oh-oh-oh*» (= *fort*, longe).

Este jogo, cujo simbolismo e cuja significação não têm nada de misterioso, pois reproduz a situação que a mãe impõe à criança ao ser obrigada a deixá-la sozinha em determinadas horas do dia, consiste — afirmou-se — num exercício de controle da situação e na passagem da posição passiva à posição activa. Mas, se pensarmos bem no assunto, essa actividade instala o bebé numa repetição infundável, da qual já não consegue sair, tornando-se essa situação o sintoma daquilo que a criança experimenta com profundo sentimento: a separação, e daquilo que ela deseja: a reunião. O jogo da bobina consiste não apenas em expressar infatigavelmente o facto de a mãe abandonar a criança mas também na afirmação do seu desejo: o regresso da mãe, a sua presença. À falta da obtenção da presença real da mãe, a criança arranja uma presença substitutiva imaginária. Lacan (1973) diz sobre isso esta frase decisiva: «A função do exercício com esse objecto refere-se a uma alienação e não a um qualquer suposto domínio, que não se vê lá muito bem de que forma seria aumentado através da repetição, ao passo que essa repetição indefinida põe em evidência a vacilação radical do sujeito.»

Mas se o sintoma fala daquilo que afecta a criança, não só o faz com eloquência mas também com sobreabundância. Além disso, a pró-

* Universidade de Lyon II. Intervenção numa mesa-redonda sobre o mesmo tema no Congresso Internacional de Psicologia da Criança, Paris, 1 a 8 de Julho de 1979.

pria repetição se oferece como uma organização cuja lógica é, pelo menos, singular. Julgue-se pelos factos!

O afastamento e o regresso do carrinho de linhas marcam a alternância de uma implicação recíproca tal que $A \leftrightarrow B$. Mas o par Presença \leftrightarrow Ausência não é separável da sua expressão *Da* \leftrightarrow *Fort* que se faz acompanhar dos pares Prazer \leftrightarrow Desprazer (prazer da presença, desprazer da ausência) ou ainda Alegria \leftrightarrow Tristeza e, mais geralmente, Amor \leftrightarrow \leftrightarrow Ódio.

A implicação recíproca Presença \leftrightarrow Ausência não nos é dada tal e qual num momento sincrónico. Pelo contrário. Quando a presença é actualizada, a ausência é potencializada; quando a ausência é actualizada, é potencializada a presença. Se a bobina simboliza a mãe, a alegria actualizada corresponde à presença da bobina. Mas ela potencializa a tristeza, a ausência, o desaparecimento da bobina. É na relação com a mãe, efectivamente, na medida em que ela se encontra presente-ausente, que se exprime a ambivalência dos sentimentos da criança que brinca. Pode mesmo fazer-se a pergunta: não experimentará a criança senão sentimentos ligados à presença ou à ausência da mãe, a ambivalência Amor-Ódio só se manifestando através desse facto da sua presença ou ausência? A ser assim, a mãe presente permitiria a actualização do amor, a mãe ausente a actualização do ódio. Daí, aliás, o comportamento de atirar para longe os aspectos e os brinquedos cada vez que algo desagradável acontece à criança. Compreender-se-ia então que a «boa-mãe-presente» seja desejada e procurada infundavelmente enquanto tal, e portanto idealizada, como o demonstra Melanie Klein. Mas, então, a criança fechar-se-ia no imaginário e fugiria à realidade.

Se essa perspectiva interpretativa fosse aceitável, não deixaria de encontrar alguns elementos que a justificariam na persistência dessa conduta em todas as idades e nomeadamente aos dois anos e meio. Efectivamente, quando o pai estava na frente de combate, não manifestava o menor desejo de o ver e «não dava

mostra de ficar perturbada por estar só com a mãe» (*op. cit.*, p. 18). Para além de outros aspectos revelados pelo comportamento do pequenino jogador, a vingança sobre (a ausência expressada através do acto de rejeição, por exemplo) podemos retomar a nossa análise da lógica desse jogo da bobina.

Se a ausência \leftrightarrow a presença, o prazer \leftrightarrow o desprazer, etc., é porque eles são distintos e separados para a criança. Daí a lógica do antagonismo: se $A \leftrightarrow B$, então $A \neq B$. Esta separação exprime, no plano afectivo, a clivagem dos sentimentos em sentimentos antagónicos. Mas revela também que, quando essa separação é realizada ou actualizada, a criança aspira à união com a mãe no prazer, na alegria, no amor então potencializados. É a actualização da presença — através da bobina ou da mãe — que lhe confere essa união no sentimento. Surge assim uma outra lógica, tal que se $A \leftrightarrow B$ então $A \equiv B$. Com efeito, se Amor \leftrightarrow Ódio, então Amor \equiv Ódio, o que significa que estes dois sentimentos podem substituir-se um ao outro e que, quando o amor é actualizado, o ódio é potencializado e vice-versa.

A ambivalência dos sentimentos parece obedecer a uma dialéctica entre duas lógicas contrárias, a lógica da equivalência e a lógica do antagonismo. Segundo essa dialéctica, se $A \leftrightarrow B$, então $A \neq B \leftrightarrow A \equiv B$, entendendo-se que $A \neq B$ actualizado potencializa $A \equiv B$ e $A \equiv B$ actualizado potencializa $A \neq B$. A clivagem dos sentimentos Amor \neq \neq Ódio, actualizada, potencializa a predominância de um sentimento sobre o outro. Mais precisamente, a clivagem exprime a separação no indivíduo, e entre os indivíduos, de sentimentos antagónicos. Expressa igualmente a separação entre os seus; a equivalência exprime, pelo contrário, a tentativa de fusão entre os seres através do sentimento, fusão que todo o ser opera entre si próprio e um outro, e marca a prevalência em cada qual de um sentimento acerca de outrem. Esta dialéctica exprime portanto não apenas os sentimentos da criança em relação à sua mãe, mas também as relações da

presença e da ausência, da separação e da união, e muitos outros ainda. Note-se, além disso, que essa dialéctica age igualmente no sentido mãe ↔ criança, mas no exemplo em questão nada sabemos acerca da mãe, à parte o facto das suas ausências.

Vemos que o jogo da bobina permite dar conta da dialéctica complexa da ausência e da presença, do amor e do ódio, esclarecendo simultaneamente o facto de a repetição fechar a criança no simbólico imaginário e aliená-la na medida em que o desejo não consegue desembocar no real.

★

É ainda de um sintoma que se trata no caso da fobia aos cavalos que é expressa pelo pequeno Hans (Freud, 1909). O cavalo associa-se ao pai como representante da lei que impõe à criança que renuncie à sua mãe. É também o símbolo de tudo o que é vivido através dessa interdição, e cuja complexidade não é pequena. Por outras palavras: o termo «cavalo», mensageiro simbólico do que é e do que vive Hans, devido ao interdito, encontra-se sobredeterminado. Vemo-lo bem através de todas as qualificações que recebe: medo de que ele morda, medo de que caia por terra porque puxa uma carroça muito pesada e carregada, medo do negro da boca, medo do ruído produzido pelas patas, etc., etc. Estas diferentes significações também são simbólicas, mas o seu sentido está algures, no seu ponto de origem.

Antes de mais, desde mutio pequenino, Hans manifestou interesse pelo seu «faz-chichi» (*Wiwimachen*), o dos animais, o dos pais. Para reprimir um comportamento masturbatório, a mãe ameaçou-o com o Dr. X, que lhe cortaria a pilinha. Chega então o dia do nascimento da sua irmã. Nessa ocasião é expulso do quarto dos pais, que ocupava desde o seu próprio nascimento. Hans tem nessa altura três anos e meio. Nesse dia, relaciona tudo o que lhe acontece com o nascimento iminente. Diz

que a sua mãe tosse quando a ouve gemer, que a cegonha vem aí com o estojo do médico, relaciona a vinda da cegonha com a presença do bebé. Quando tudo termina, declara ao deparar com os recipientes cheios de água ensanguentada: «O meu faz-chichi não deita sangue.» Daí a cadeia:

$$\begin{aligned} (\text{Mãe}) \frac{\text{Tosse}}{\text{Gemidos}} &= (\text{Médico}) \frac{\text{Estojo}}{\text{Parto}} = \\ &= (\text{Bebé}) \frac{\text{Cegonha}}{\text{Nascimento}} \end{aligned}$$

Para Hans (que «tem sempre uma expressão tensa e desconfiada», segundo as palavras de Freud ao relatar o que diz o pai) a ameaça proferida pela mãe deve ter-se cumprido de alguma maneira, mas sobre a própria mãe. Em virtude de que culpa? E se ela se realizasse em relação ao próprio Hans? Parece ser esse, entretanto, o sentido da conduta fóbica face aos cavalos que Hans acaba por manifestar um belo dia. Segundo a sua expressão, tem medo que um cavalo lhe morda, tem medo do que ele tem diante dos olhos, tem medo da cor preta da sua boca, tem medo que os cavalos caiam nas curvas, tem medo quando eles põem em movimento uma carroça carregada, tem medo do ruído dos cascos, tem medo que eles caiam ao puxar a carroça, etc., etc. Deixemos de lado todas as precisões que nos dá a análise, para só retermos o sentido profundo destas diferentes expressões do medo.

«Cavalo» refere-se manifestamente ao pai que Hans teme como aquele que lhe barra o acesso à mãe (a cor negra da boca, vendas nos olhos, morder). Mas «cavalo» refere-se também à mãe: carroça pesadamente carregada (remetendo para a gravidez), cair (o nascimento), ruído (defecar, ou seja parir), etc.

Se Hans receia que o cavalo o morda, é porque tem medo que o pai o separe da mãe e o prive do seu próprio sexo.

Se Hans receia as carroças pesadamente carregadas, a queda dos cavalos, o ruído, é porque o nascimento lhe faz medo pois para ele equivale a separação e portanto a castração.

O interesse pelo faz-chichi transformou-se portanto, pouco a pouco, em temor angustiado de o perder.

Se até aqui nada dissemos que não seja conhecido, gostaríamos todavia de nos basearmos no acima exposto para ir mais além, tentando pôr em evidência as categorias lógicas do comportamento de Hans.

Hans parece ter abandonado um estado fusional com a mãe que lhe tinha causado confusão: confusão entre Hans e a mãe, entre o pai e a mãe, entre o amor pela mãe e o amor pelo pai, entre o real e o imaginário, etc. Daí o facto de que, se Mãe \leftrightarrow Pai, então Mãe \equiv Pai. Em relação à mãe entra em jogo a equivalência Amor \equiv Ódio, assim como em relação ao pai. Há portanto fusão, pelo amor, com a mãe, fusão do pai na mãe e confusão. O sentimento daí resultante era a quietude.

Ora essa quietude potencializava o seu contrário, a inquietação, a angústia. Quando esse estado se actualiza, Hans descobre que se Pai \leftrightarrow Mãe, então Mãe \neq Pai. Nesse caso, em relação à mãe Amor \neq Ódio e o Amor prevalece sobre o Ódio (Amor $>$ Ódio), em relação ao pai, o Ódio prevalece sobre o Amor (Ódio $>$ Amor) mas Amor \neq Ódio. Resulta daqui que a criança vive a separação, diferencia o pai da mãe, o amor pelo pai e o amor pela mãe, e opera a distinção entre o pai e a mãe, entre os sentimentos que sente pelo pai e os que sente pela mãe, etc. O preço que paga é a inquietação então actualizada.

Na medida em que o Amor pela mãe prevalece, assim como prevalece o Ódio pelo pai, os progenitores são clivados; mas o amor pela mãe acarreta o receio de o perder, e o ódio pelo pai acarreta culpabilidade. À separação ou à clivagem dos sentimentos acrescenta-se o sentimento de ser separado do pai e da mãe, logo diferente deles. Daí a distinção do pai e da mãe, do amor e do ódio, da inquietação e da quietude, da serenidade e da culpabilidade, etc. A separação confere também a Hans o sentimento da sua solidão e de um certo abandono. Daí a sua aspiração ao restabelecimento de fusão anterior pelo desejo de

A separação baseia-se, finalmente, na castração de que a mãe foi alvo, e da qual a irmã traz a marca, apesar das denegações. E como essa castração não aconteceu sem violência (por causa do sangue nas bacias) a fobia de Hans conduz à antiga interrogação sobre a sua identidade, nomeadamente a sexual, e isso até ao paradoxismo, conferindo-lhe a forma da crise que todos conhecemos. E aqui reside a fundamentação da identidade na identidade sexual. A interrogação de Hans é multiforme: será ele, quanto ao sexo, da ordem do Mesmo ou do Outro, em relação ao pai e à mãe? Que há nele de idêntico e de diferente em relação a uma e a outro? Ele é idêntico a quem, diferente de quem? Para lá dessa diferença, haverá alguma coisa que é igual? Hans, em relação a si próprio e apesar das suas mudanças, é o mesmo ou um outro?

Por outras palavras — a crise de Hans baseia-se na pergunta: sexo igual ou sexo diferente? Se é diferente, em que assenta essa diferença? Pode-se perder, nesse caso, a diferença?

Poderia parecer, de acordo com a análise destes dois exemplos, que o aspecto repetitivo de um comportamento simbólico, mesmo lúdico, apresenta um carácter sintomático revelador de perturbações ou de dificuldades psicológicas. Mas, o significante remetendo para um significado simbólico e sobredeterminado, as suas características sucessivas permitem captar a sua organização, que nos revela a lógica afectiva que a tudo preside. Mas devemos acrescentar que a lógica da inteligência simbólica também entra em acção e apresenta as mesmas características dialécticas. Melhor: uma e outra encontram-se estreitamente articuladas entre si.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. (1920) — «Para além do Princípio do Prazer» [trad. franc. em *Essais de Psychanalyse*, Payot, Paris, 1967]
FREUD, S. (1909) — «Análise de uma fobia de uma criança de 5 anos: o pequeno Hans» [trad. francesa em *Cinq Psychanalyses*, P.U.F., Paris, 1954].
LACAN (1973) — *Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse*, Seuil, Paris.